

Vínculo é Amor?

Regina Márcia
Manicardi Vaz¹

¹ Psicóloga. Mestre em
Psicologia Clínica pela
Universidade Católica de
Pernambuco, linha de pesquisa
Família e Interação Social.
E-mail: regpsi@uol.com.br

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir sobre a possibilidade de se estabelecer uma relação entre o conceito de vínculos para a psicanálise e o significado do amor no senso comum. A necessidade de propor essa discussão surgiu no contexto das aulas sobre *Vínculos*, nas quais se percebeu que, em muitos momentos, os alunos se referiam a esses dois termos de forma indiferenciada. Para a discussão, apresentaram-se breves considerações, na perspectiva de Bion (por meio do estudo de Zimerman sobre esse autor), Kaës, Eiguer e Berenstein, com a finalidade de caracterizar os aspectos que fundamentam o conceito de vínculos na Psicanálise. Para apresentar o conceito de amor, lançou-se mão de seu significado no dicionário da Língua Portuguesa. A partir disso, foi possível estabelecer diferenças fundamentais e, também, aproximações possíveis entre os significados dos termos.

Palavras chaves: vínculo; configurações vinculares; psicanálise; amor.

Bond is love?

Abstract: The present paper aims to discuss the possibility of establishing a relationship between the concepts of “link” in psychoanalysis and “love” in common sense. The need of purposing this discussion popped up during classes about *Links*, in which it was noticed, in many moments, that students referred to these two terms with similar meanings. For the discussion, two brief considerations were presented, in the perspective of Bion (through Zimerman’s study about this author), Kaës, Eiguer and Berenstein, with the purpose of characterizing the underlying aspects of the concept “link” in psychoanalysis. The concept of “love” was presented by the Portuguese Language dictionary’s definition. From that, it was possible to establish fundamental differences and also possible similarities between the meanings of both terms.

Key-words: link; link configurations; psychoanalysis; love.

Introdução

O amor é difícil de ser conceituado. A experiência de amar ou de ser amado é sustentada pela representação de suas sensações mais prazerosas e, portanto, facilmente associada com o belo, o bom e com aquilo que faz bem. Além disso, podemos também dizer que, de forma geral, as representações do amor remetem a tudo o que reúne, liga e promove o encontro, a proximidade e a intimidade.

Para as relações amorosas lembramos as representações dessa união, como por exemplo: “são metades de uma laranja”, “o par perfeito”, “almas gêmeas”. Para o amor entre pais e filhos, a representação comumente encontrada é a do “amor incondicional”, caracterizando um amor sem pré-condições, livre de determinações para existir, repetindo seu aspecto totalmente bom. O “amor ao próximo” preconiza a qualidade de consideração, respeito e até caridade para com pessoas com quem, não necessariamente, temos laços de família ou romance, mas fazem parte de um grupo social ao qual pertencemos.

Em todas essas representações podemos identificar uma máxima que é empregada para tentar qualificar o amor: “o amor é lindo!”. Mas essa peculiar noção de que o amor une e reúne, liga, aproxima os seres humanos estabelece uma relação por associação à outra condição de relacionamento interpessoal: os vínculos.

Vínculos têm uma definição de “tudo que ata, liga ou aperta” (FERREIRA, A. B.H, 1986). Nessa aproximação com os vínculos, por ser um sentimento que liga também as pessoas envolvidas, o amor passa a ter mais uma representação possível: “amar é vincular-se ao ser amado”. Talvez seja esse o motivo que provoca uma inversão de sentidos e, muitas vezes, por associação se dá a construção: “vínculo é amor”.

A necessidade de propor essa discussão surgiu no contexto de aulas sobre Vínculos, nas quais se percebeu que, em muitos momentos, os alunos se referiam a esses dois termos de forma indiferenciada.

Porém, quando a noção de vínculo é utilizada em determinados contextos teóricos, como a Psicanálise, para caracterizar determinadas configurações de relação entre pessoas e em situações específicas (grupos, casais, família, por exemplo), podemos perceber que essa associação direta com o amor já não permanece possível. A noção de vínculos para a Psicanálise se caracteriza pelo estabelecimento de vários tipos de sentimentos que podem estar presentes nessa ligação emocional entre duas pessoas, o que exclui o amor como único sentimento definidor no processo de vinculação.

A partir dessa consideração, o objetivo é refletir sobre a possibilidade de estabelecer uma relação entre o conceito de vínculos para a psicanálise e o significado de amor no senso comum, procurando demonstrar as diferenças entre esses conceitos e as suas possíveis aproximações. Para tanto, partirei de uma breve apresentação da noção de amor, no senso comum, tal como é pensada em seu aspecto mais direto e que se reflete principalmente em seu significado no dicionário da Língua Portuguesa. Apresentarei também um significado etimológico da palavra amor, por meio de uma citação de Zimerman (2010).

Na sequência, tentarei apresentar de forma sucinta, as principais características que embasam o conceito de vínculos na Psicanálise, por meio de alguns autores que utilizam esse termo em suas proposições teóricas, a saber: Bion (por meio do estudo de Zimerman sobre esse autor), Kaës, Eiguier e Berenstein. Para finalizar, apresentarei as aproximações e as diferenças fundamentais entre essas duas noções propostas, como considerações finais.

1. O amor: breve apresentação de sua noção comum

A consulta aos Dicionários da Língua Portuguesa se faz obrigatória quando pretendemos apresentar o significado de uma palavra, que é reconhecido no senso comum como sua definição e é associado ao que mais se aproxima da representação direta que se faz do termo.

O significado da palavra amor apresenta a seguinte definição no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, A. B.H, 1986): “sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem”, ou de alguma coisa [...]. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou coisa; devoção; culto, adoração. [...]. 9. Afeição, amizade, carinho, simpatia, ternura.”. Por essa definição, podemos perceber a conotação positiva

que esse sentimento recebe. Trata-se de uma associação direta com sinônimos positivos, tais como: bondade, cuidado, apreço, bem-querer, zelo.

Outra associação que acontece ao falarmos de amor de forma geral é relacionada ao romance e a duas pessoas que se amam e, por isso, se querem bem e promovem o bem um ao outro.

A representação que pode significar o amor acaba por ficar diretamente relacionada a um aspecto positivo, além de estabelecer uma situação onde, ao amar e sermos amados, estaremos ligados e unidos por bons sentimentos.

Numa explanação “sem o rigor de uma confirmação linguística amparada por uma totalidade de pesquisa séria”, Zimerman (2010) apresenta uma origem etimológica da palavra amor: seria o prefixo latino *a* (ausência ou exclusão) associado à *mors*, que em latim tem um significado ligado à morte (*mortis* seria o genitivo de onde derivam morte, mortalha e mórbido). Assim, Zimerman explica que o amor estaria ligado à ausência de morte, ligado, portanto à vida. Sem dúvida aqui, a máxima do positivo relacionado ao amor se estabelece de forma completa. Amor seria a vida e a possibilidade de estar vivo.

O amor tem inúmeras referências que, ao longo de toda existência humana, buscam o estudo de seu significado e permitem a apresentação de variados contextos onde esse sentimento é contemplado. Assim, podemos citar alguns referenciais que apresentam o amor, como a Mitologia (Eros, Deus do Amor), religiões, filosofia, por exemplo.

Para o nosso objetivo, não iremos aprofundar em cada um destes referenciais. Interessa-nos a consideração de que seu significado em geral é bom, positivo e relacionado à vida. O aspecto positivo da definição de amor no senso comum, aliado à noção de ligadura e união que ele promove, é exatamente o viés que pode confundir esse sentimento com o conceito de vínculos, do qual comentaremos a seguir.

2. Vínculos na Psicanálise: uma breve exposição

A palavra *Vínculo* tem sua origem no termo latino *vinculum* que significa aquilo que une, ata estabelece uma relação (FERREIRA, A. B.H, 1986).

Para a Psicanálise, o termo vínculo empresta seu significado para as relações intersubjetivas, que possuem um investimento afetivo mútuo. Conceito fundamental desta teoria, uma vez que permite referenciar a primeira relação intersubjetiva, a relação mãe-bebê, e todas as demais inter-relações afetivas que o ser humano necessita para se constituir e viver. A psicanálise considera que o ser humano é “essencialmente grupal”, incluindo aqui a relação dual, e essas relações são constituintes de sua existência psíquica. Em outras palavras, o ser humano não se constitui psiquicamente, senão, por meio de relações intersubjetivas onde há um investimento emocional recíproco, ou seja, por meio de vínculos.

Winnicott (como citado em NETO, 2009), em sua célebre afirmação diante da Sociedade Britânica de Psicanálise, (em torno de 1940), que “não existe uma coisa como um bebê (...); se você me mostrou um bebê, você certamente me mostrou uma mãe cuidando de um bebê.”, mostra a importância da presença da mãe

suficientemente boa para o desenvolvimento emocional do bebê. Com isso, Winnicott reafirma uma ideia psicanalítica sobre a importância da intersubjetividade para a constituição do psiquismo.

Dada a sua importância, é imprescindível compreender e saber nomear o significado, sua caracterização e suas modalidades para que possamos nos apropriar corretamente dessa noção de vínculos para a psicanálise e não confundi-la com outras aplicações e contextos onde esse termo é utilizado.

Definir vínculos na Psicanálise é uma tarefa que requer uma diferenciação entre aqueles autores que se utilizaram do termo de forma direta, apesar de que podemos perceber que, em todas as considerações psicanalíticas a referência à importância da relação intersubjetiva está presente.

Além disso, devemos, também, diferenciar qual o enfoque foi privilegiado por cada autor na utilização do termo. Dessa forma, podemos estabelecer os aspectos fundamentais sobre vínculos, que é o que nos interessa neste trabalho. É importante ressaltar que a aplicação do termo *vínculo* para relações *intrasubjetivas*, que se referem às relações entre instâncias psíquicas no aparelho psíquico, não será abordada. Da mesma forma, não será abordada a noção de vínculos quanto às relações *transsubjetivas*, que se referem às relações de herança psíquica ao longo das gerações familiares ou, também, às relações histórico-culturais que envolvem e se referem ao sujeito social, incidindo na sua subjetivação.

Assim, nosso objetivo é discutir o conceito de vínculos, quando se referem às relações familiares, de casal ou de grupos.

Vincular-se é estabelecer uma relação intersubjetiva com alguém, por meio de investimentos afetivo-emocionais recíprocos. A qualidade dos sentimentos envolvidos varia, mas seu investimento recíproco é fundamental para que caracterize uma vinculação tal como a psicanálise considera.

Essa noção é bem retratada por Bion, que utiliza a palavra *vínculo* (em inglês, *link*) para designar uma “estrutura emocional-relacional entre duas ou mais pessoas” (citado por ZIMERMAN, 2010). Uma estrutura relacional que permite variações na dinâmica de funcionamento dos investimentos emocionais e, dentro disso, Bion indica vínculos de Amor (L – *Love*), de Ódio (H – *Hate*) e de Conhecimento (K – *Knowlegde*). Esse autor também propõe que esses vínculos sejam sinalizados positivamente, com sinal +, ou negativamente, com sinal -, de forma que se desdobrem variadas formas e dinâmicas relacionais. Assim, -K sinaliza um tipo de vínculo onde o que predomina na relação é um ataque às percepções, em si mesmo e no outro. O -L, menos amor, pode indicar uma situação onde o investimento emocional seja de tal forma simbiótico e cheio de sacrifícios por uma das partes, que acaba por provocar culpa na outra parte da relação, que recebe o sacrifício do outro como devoção. Podemos identificar isso nos casais e também na relação mãe/pai e filhos (ZIMERMAN, 2010). Da mesma forma o vínculo de -H, menos ódio, pode refletir um investimento repleto de uma conduta amorosamente disfarçada, sem que a parte tenha consciência do sentimento de ódio ao outro.

O que Bion contribui imensamente para a noção de vínculos é a proposta de que haveria, então, uma variabilidade de emoções presentes nos investimentos afetivos dos vínculos. A partir do momento em que nos relacionamos intersubjetivamente, podemos estabelecer essa ou aquela dinâmica de relação, variando também os sentimentos presentes na forma como se dá a relação. Bion nos mostra também, que diante de determinadas defesas, podemos ou não ter consciência desses sentimentos, provocando muitas vezes uma plasticidade, uma adaptação para fazer valer o vínculo. Por isso, uma mãe pode se relacionar com seu filho com -L, menos amor,

mantendo um interesse nela própria, mas disfarçando sua simbiose em amor incondicional. A repercussão desse tipo de relação afetiva para constituição psíquica é bastante negativa e pode contribuir para o aparecimento de patologias ligadas aos vínculos.

Essa complexa estruturação tal como descreve Bion, também se apresenta na consideração de outros autores. Ela seria o resultado de um trabalho psíquico no sentido da diferenciação egóica e, ao mesmo tempo, a garantia de uma “ilusão” de coincidência entre o nosso desejo e o outro como objeto desse desejo, complementando a satisfação pulsional. As diferenças deflagram a frustração dessa não coincidência.

Puget e Berenstein propõem que “o primeiro encontro entre os objetos parentais e o infante é realizado sob o signo do desejo de coincidir” (PUGET; BERENSTEIN, 1993), buscando uma anulação de diferenças. Fase narcísica (FREUD, 1914) importante da estruturação do psiquismo, essa identificação (FREUD, 1921) contribui com as bases importantes para o fortalecimento egóico. Posteriormente, essa configuração narcísica deve ser encaminhada para um trabalho de diferenciação entre o si mesmo e o outro, contribuindo para o amadurecimento emocional. Os autores citados também consideram que essa complexa configuração de vínculos serve à “complicada e incerta busca dessa coincidência” entre desejo e objeto de desejo.

Vale lembrar-se de um aspecto muito importante: a psicanálise considera que uma relação atual apresenta elementos que participam numa reedição da dinâmica dos primeiros encontros intersubjetivos, dando destaque à relação mãe-bebê, ou como configura Winnicott (2011), função materna e bebê, ampliando os cuidados dispensados aos recém-nascidos a qualquer pessoa que se ocupe desse momento do desenvolvimento emocional. Apesar da importância dessa primeira relação, a questão edípica, com a triangulação entre mãe, pai e filho (a), com suas vicissitudes intersubjetivas, marca a constituição psíquica e configura uma dinâmica relacional a ser reexperimentada ao longo dos encontros na vida.

A construção de vínculos como uma estrutura emocional permite ao psiquismo processar a questão da intersubjetividade, seja num grupo (como o familiar) ou numa relação dual (casal).

Kaës (2006, 2011) como um dos principais representantes da Psicanálise de Grupos e de Família, propõe que o sujeito do Inconsciente é o sujeito do Vínculo. Kaës (1997) propõe a composição de um “Aparelho Psíquico Grupal”, que poderia dar conta do processamento psíquico necessário numa situação de grupo. Seus estudos apontam que a intersubjetividade marca inelutavelmente o psiquismo, promovendo uma exigência de trabalho pela sua ligação com o grupal (com o aparelho grupal), tal como trabalha psiquicamente e elabora representações possíveis pela sua ligação com o corporal (no aparelho individual) (KAËS, 2011). Em referência aos vínculos grupais, considera-se que a vivência em grupo é sempre a de um grupo secundário em relação ao grupo primário que é a família (KAËS, 2011).

Nesse sentido, o estudo dos vínculos familiares e de casal contribui para a compreensão acerca das distorções ou impossibilidades de constituição desses vínculos numa via profícua para a constituição psíquica. Portanto, os vínculos familiares lançariam as bases ou matrizes relacionais para a vivência grupal posterior, seja escolar, de trabalho, religiosa, etc. Eiguer (1985, p. 54) caracteriza os vínculos familiares em narcísicos (alianças inconscientes, contrato e pacto narcísico e o pertencimento) e libidinais (filiação, aliança e consanguinidade).

Os vínculos narcísicos são construídos a partir de investimentos entre os membros, no sentido de garantir a coesão afetiva do grupo e a noção de pertencimento. São assim chamados narcísicos porque

estabelecem um investimento do “não-eu” de cada membro ao coletivo, caracterizando a indiferenciação, anulação das diferenças. Isto é processado por meio de alianças inconscientes, nas quais o acordo garante a não consideração das diferenças individuais e o investimento no grupo como um todo (EIGUER, 1985). Esse acordo é estruturante do psiquismo, uma vez que garante a noção de pertencimento e identificações com o *Eu-familiar*, importantes para um bom desenvolvimento emocional. Os acordos ou pactos narcísicos seriam variações negativas das alianças inconscientes, uma vez que estabelecem “certos arranjos estabelecidos inconscientemente entre os membros de uma família de modo a evitar o contato com representações e afetos experimentados como impossíveis de elaboração psíquica” (MANDELBAUM, 2010, p. 117). Esse “engessamento” da fluidez psíquica poderia acarretar manifestações de sofrimento psíquico ou patologias imbricadas na configuração vincular familiar.

Os vínculos libidinais pressupõem que se estabeleça um processamento psíquico da alteridade. Assim, os membros da família se reconhecem mutuamente em termos de lugares, papéis e presença ou não de relacionamento sexual. Eiguer (1997) diz: “é graças ao vínculo libidinal que a família pode se distinguir de qualquer outro grupo humano. A genitalidade marca aí seu compasso. A castração e a lei sexual são, de algum modo, os instrumentos solistas”. Assim, o vínculo de aliança caracteriza a presença de relações sexuais e reedita inconscientemente a experiência dos cônjuges em relação ao casal parental de cada um. A possibilidade de elaboração satisfatória ou não das questões edípicas marcam a constituição desses vínculos. Além disso, a posição subjetiva de marido ou esposa tende à revivescência dos padrões de vínculos parentais, por identificação com essa posição ou papel, vivido pelos pais de cada parte.

Esses aspectos são importantes, pois se desdobram em variadas configurações vinculares, nas quais os investimentos afetivos podem servir à manutenção (inconsciente) de um *modus operandi* relacional que ficou fixado e não elaborado a partir de experiências infantis. O casamento passa, nesses casos, a servir à repetição inconsciente de uma ligação afetiva onde o cônjuge escolhe o parceiro a partir de traços de semelhança com a relação que estabeleceu com um dos pais. O vínculo permite, então, nesses casos, uma repetição de modos de relação que não puderam ser elaborados. Como um exemplo, uma relação de uma filha com um dos pais, que se caracterizou por uma experiência de abandono e desinteresse e não pôde ser elaborada em seu aspecto traumático, poderá encaminhar uma escolha de parceiro, com o qual estabeleça essa dinâmica de abandono e desinteresse. Por outro lado, ocorre em algumas vezes que o casamento servirá à manutenção inconsciente de uma ligação edípica não elaborada com um dos pais. Uma forma de expressão do vínculo, nesse caso, é uma constante desvalorização do parceiro e enaltecimento da figura parental.

Os vínculos de filiação também estabelecem lugares e posições aos membros da família e se caracterizam pela proibição de relações sexuais. São pais e filhos que, num investimento mútuo de reconhecimento da posição de cada um, promovem o enriquecimento psíquico. Porém, o processamento psíquico necessário à construção da parentalidade pode não ocorrer de forma satisfatória e comprometer a construção dos vínculos de filiação. A construção da parentalidade é complexa e requer, dito numa forma resumida, uma “volta psíquica ao passado” por meio de duas vertentes: *o filho que eu fui* e *os pais que eu tive*.

Assim, se as experiências vividas incluírem aspectos traumáticos e de sofrimento, a construção atual ficará permeada por defesas, impedindo um estabelecimento saudável do vínculo. Por exemplo: a não a

elaboração por parte de um dos genitores da sua própria perda da condição narcísica infantil, poderá intermediar um vínculo onde seu filho não será reconhecido como filho. Poderá o pai ou a mãe com essa dificuldade, rivalizar com o filho nessa posição. Esse aspecto não permite a construção sadia de vínculos de filiação porque o filho deve ser reconhecido como filho para poder se constituir psiquicamente e deve reconhecer seus pais nessa posição também. Caso isso não aconteça, toda sorte de configurações vinculares distorcidas poderão ocorrer. O prejuízo para o desenvolvimento emocional saudável será bastante significativo nesses casos. Nos exemplos citados anteriormente nesse artigo, Bion ressalta os vínculos de menos ódio (-H), que podem ilustrar uma das configurações possíveis de distorção nos vínculos de filiação. O pai ou a mãe que rivaliza com o filho pode se manter defendido desse sentimento enquanto promove condutas em nome do amor incondicional, mas que, numa análise apurada, o ódio pode estar presente. Os vínculos de consanguinidade referem-se ao também chamado vínculo fraterno, ou seja, entre irmãos. A proibição do incesto também incide nesse tipo de relação. A identificação, o pertencimento grupal, a mesma origem são reforçadas por esse tipo de vínculo. O vínculo fraterno deve processar psiquicamente a rivalidade própria existente na relação entre irmãos, que remete à disputa do amor dos pais.

Por meio dessas considerações sobre os vínculos familiares, podemos perceber que um vínculo libidinal pode admitir uma configuração de tal modo distorcida, que impeça o reconhecimento do outro em sua posição subjetiva vincular, contribuindo para uma manutenção narcísica de funcionamento psíquico. Nesse sentido, em relação aos vínculos narcísicos, podemos também perceber que possíveis distorções podem contribuir para uma manutenção de um funcionamento coeso e narcísico fixado, sem permitir uma diferenciação entre os membros. Essa diferenciação é constituinte da subjetividade e conduz a uma autonomia necessária a várias etapas do ciclo de vida, como a adolescência, por exemplo.

Em relação ao casal ainda, podemos citar resumidamente formações vinculares onde identificamos vínculo adesivo, de posse, de controle e vínculo amoroso (PUGET; BERENSTEIN, 1993). Nos vínculos adesivos, de posse e de controle, encontramos a necessidade de neutralizar a angústia diante do reconhecimento das diferenças, porque esse reconhecimento traria a possibilidade de perda e abandono do outro. Diante desse temor, estabelece-se uma configuração vincular onde há a recusa de separação e distanciamento, com a “fantasia de contato pele a pele” (PUGET; BERENSTEIN, 1993, pág.28). São exemplos, casais onde há uma dependência dos cônjuges e a disponibilidade permanente do outro como presença. Na posse e no controle, as configurações manifestam comportamentos de evitação da perda do outro por variadas representações. Assim, pode haver a posse pelo controle (dinheiro, filhos, relações sexuais) ou o controle pela posse (dar ou não prazer ao parceiro, sedução).

O vínculo amoroso (percebe-se que o utilizado é o adjetivo amoroso e não o substantivo amor) inclui reconhecimento do outro, reciprocidade, interesse genuíno no bem estar do parceiro, com elaboração dos temores de perda. Inclui emoções relativas à resolução edípica e superação narcísica.

Para finalizar essa breve apresentação de alguns aspectos acerca dos vínculos para a Psicanálise, é importante ressaltar que, se há um processamento psíquico para se constituir a vinculação, há o mesmo processamento para desvincular-se (BERENSTEIN, 2008). Trabalhamos psiquicamente para construir vínculos e

também para nos desvincularmos. Toda sorte de defesas também podem participar desse momento, que pode se referir a perdas ou à finalização de um casamento, por exemplo.

3. Vínculo e amor

A partir dessas breves apresentações sobre o amor e sobre os vínculos, podemos contar com algumas considerações que nos fornecem elementos para refletir sobre a impossibilidade de aproximar esses dois termos em termos de significado, tal como muitas vezes nos deparamos em aplicações do senso comum.

A primeira consideração diz respeito à *variedade de sentimentos* que podem participar de configurações vinculares, a partir de defesas que orientam o funcionamento psíquico inconsciente. Assim, a conduta manifesta de amor incondicional, pode, na verdade, participar de uma defesa contra um ódio verdadeiro que poderia ameaçar relação ou o próprio sujeito que sente. Desta forma, um vínculo entre pais e filhos não pode garantir o sentimento de amor como única manifestação afetiva. Nem mesmo o vínculo de aliança (casal) pode se sustentar apenas com sentimentos genuínos de amor e desejo de bem-estar com o outro.

A segunda consideração diz respeito à possibilidade dos vínculos se imbricarem na emergência de patologias. São patologias que emergem num sujeito, mas estão diretamente relacionadas ao processamento da intersubjetividade. Dessa forma, não podemos dizer que os sentimentos presentes nos vínculos encaminham somente uma via profícua de desenvolvimento emocional. O vínculo não é somente inócuo e bom como o amor e pode, também, participar do acontecimento de patologias e sofrimento psíquico.

A terceira consideração diz respeito à necessidade de diferenciação entre eu-outro que algumas configurações vinculares exigem para que seu funcionamento não fique distorcido, como no caso dos vínculos libidinais na família. A experiência de amar e ser amado muitas vezes alude a uma configuração de duas pessoas, porém como ser único, ligados pela afinidade, identificação (“metades da laranja”, por exemplo). Na verdade, nos vínculos libidinais de aliança ou mesmo de filiação, essa configuração de unidade poderá servir a uma manutenção narcísica de funcionamento psíquico, onde a alteridade deve ser negada e o reconhecimento da parte não poderá acontecer. Citamos acima casos onde essa manutenção narcísica pode obstaculizar a constituição psíquica. Não seria o amor, nesse aspecto de unidade e ser absoluto, que promoveria nos vínculos o bom desenvolvimento emocional.

Na verdade, para a Psicanálise, a intersubjetividade é uma condição para o desenvolvimento emocional e a constituição psíquica aconteça. Nas variadas configurações vinculares, o ser humano busca processar as dificuldades que a saída da condição narcísica estabelece para o reconhecimento da alteridade. Os vínculos e suas configurações seriam, portanto, meios pelos quais a condição humana, em termos de vida psíquica, poderia ser garantida. O ser humano nasce em estado de dependência absoluta e necessita desses encontros intersubjetivos para existir como sujeito capaz de representar a própria existência.

Podemos dizer que, mesmo em condições adversas e traumáticas no início da vida ou em seu curso, a vinculação garante que a vida psíquica se estabeleça, apesar de estar sujeita nesses casos, a possíveis distorções

em função de defesas que emergem como proteção contra o sofrimento. Considera-se, portanto, que, mesmo comprometido por distorções, os vínculos encerram uma condição primordial de manutenção da vida psíquica.

Nesse sentido, seria interessante apresentar *uma aproximação possível* entre vínculo e amor: a referência à manutenção da vida. No início deste trabalho, apresentamos uma consideração interessante sobre a palavra amor estar ligada por sua origem etimológica à ausência de morte, ou seja, à vida (prefixo *a*, negação; sufixo *mors*, morte). Nesse sentido, vínculo pode ser aproximado a amor, à ausência de morte e à manutenção da vida.

As considerações apresentadas permitiram refletir que, por mais que o amor e os vínculos sejam fundamentais ao ser humano e promovam a vida, devemos ter o cuidado de fazer sua diferenciação em termos de aplicação teórica de seus significados, principalmente no sentido da correta interpretação das configurações vinculares que se apresentam na clínica. Essa diferenciação garante o cuidado com um rigor teórico-científico que, por sua vez, garante uma aplicação ética do conceito na clínica psicanalítica.

Referências

BERENSTEIN, I. **Del ser al hacer**: curso sobre vincularidad. Buenos Aires: Paidós, 2008.

EIGUER, A. **Um divã para a família**. (Trad. Leda Mariza Vieira Fischer). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRA, A. B.H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. (1921). Identificação. **In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVIII, pp. 115-120, 1969.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. **In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 1969, p. 98.

KAËS, R. **O grupo e o sujeito do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. Introducción: El sujeto de la herencia. *In* Kaës, Faimberg, Enriques e Baranes. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

_____. **Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo**. (Trad. Luís Paulo Rouanet), São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MANDELBAUM, B. **Psicanálise de família**. (Coleção Clínica Psicanalítica/ dirigida por Flávio Carvalho Ferraz). 2ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

NETO, O. F. **Constituição do si-mesmo e transicionalidade**. *Mente e Cérebro*. Coleção Memória da Psicanálise: Winnicott. 2ª ed. revista e ampliada, v. 5, São Paulo: Duetto Editorial, 2009.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. Vínculos. **In Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WINNICOTT, D. W.. **A família e o desenvolvimento individual**. (Trad. Marcelo Brandão Cipolla, 4 ed), São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965), 2011.



ZIMERMAN, D. **Os quatro vínculos**: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas – dados eletrônicos – Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido em 11/09/2014

Aceito em: 24/09/2014